

“SÓ NA EUROPA VOCÊ NÃO É ANTIQUADO, Ó CRISTIANISMO”: RECORTES SOBRE GUILLAUME APOLLINAIRE

Pablo SIMPSON*

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo percorrer aspectos da relação entre a poesia de Guillaume Apollinaire e o catolicismo a partir da leitura de poemas publicados em *Alcools*, de textos coligidos e de sua crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Guillaume Apollinaire. Poesia francesa do século XX. Catolicismo.

1.

*Seul en Europe tu n'es pas antique ô Christianisme
L'Européen le plus moderne c'est vous pape Pie X*
(APOLLINAIRE, 1965, p.39).

[Só na Europa você não é antiquado ó Cristianismo
O Europeu mais moderno é o senhor papa Pio X]¹

Há um dístico aparentemente excêntrico em *Alcools*, coletânea fundamental da poesia moderna publicada por Guillaume Apollinaire em 1913. Está no poema de abertura, “*Zone*”. Em contraste com a Torre Eiffel e os automóveis do início do poema, representantes de um “mundo antigo” de que o eu afirmaria haver um

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas. São José do Rio Preto – SP – Brasil. 15054-000 – psimpson@ibilce.unesp.br

¹ Todas as traduções, algumas mais livres, outras um tanto literais, salvo menção, são minhas. Terminado este ensaio, encontro um de Murilo Mendes, intitulado “Poesia católica”, que também se detém brevemente nesse trecho do poema de Apollinaire. Está transcrito na dissertação de Raphael Velloso Macedo (2016).

cansaço – “à la fin tu es las de ce monde ancien” – surge nesse dístico uma menção à religião cristã. Ela não seria/estaria antiquada, *antique*, em francês, com certa nuance pejorativa que a tradução quis evocar². O dístico traz ainda a figura do Papa Pio X, apresentado de forma hiperbólica, “o mais moderno”, afirma o trecho, que opõe ainda o “tu” informal dirigido ao Cristianismo, em maiúsculas, no primeiro verso, ao “vous”/senhor, do segundo³. Excêntrico pelo que costumamos atribuir às vanguardas artísticas do início do século XX: uma predileção pela vida urbana, a rapidez, a máquina, como estará no poema “*Un soir*”, também de *Alcools*, com a cidade “metálica”, os *tramways* e as “luzes de gás” (APOLLINAIRE, 1965, p.126).

2.

Sabemos da ambivalência das artes do século XX com relação ao progresso. Trata-se de um Janus de duas faces, diz-nos Theodor Adorno (1993, p.129), capaz de desenvolver o “[...] potencial da liberdade ao mesmo tempo que a realidade efetiva da opressão.” Num trecho da famosa conferência “*L'esprit nouveau et les poètes*”, Apollinaire (1991, p.945) aponta para os “seres formidáveis que são as máquinas”. No poema “*Zone*”, há uma “jovem rua” de Paris, industrial, aberta em 1889 e situada entre a rua Aumont-Thiéville e a Avenue des Ternes. A dupla evocação, das máquinas tanto quanto da rua, deixa-se acompanhar, contudo, menos de uma dimensão positiva da representação urbana, espaço labiríntico para o *flaneur*⁴, do que de uma dimensão religiosa. Na segunda delas, é o momento em que o eu se lembra da infância: das “pompas da Igreja”, da oração “todas as noites na capela do colégio”, do Cristo que “sobe ao céu melhor do que os aviadores” e “detém o recorde do mundo de altura” – Cristo que também voaria no poema “*Le voyageur*” do mesmo livro: “*Dans le fond de la salle il s'envolait un Christ*” (APOLLINAIRE, 1965, p.78). A modernidade é rapidamente confrontada com uma nostalgia que é a da infância, lugar religioso, como estará também no poema “*Le brasier*”, em que o eu se pergunta pelo Deus da juventude – “*où est le Dieu*

² O tradutor americano de Apollinaire, David Lehman (2013), também assim o faz: “*Alone in Europe you are not antiquated O Christianity*”.

³ Na primeira versão do poema, que se intitulava “*Cri*” nas provas de *Alcools*, a palavra “religião”, do quinto verso, também estava em maiúsculas. Confira notas de Marcel Adéma et Michel Décaudin em Apollinaire (1965, p.1042). Em contrapartida, no verso citado acima, tratava-se de “*toi Pape Pie X*” em vez de “*vous*”.

⁴ Sobre o modo como os temas da cidade e da multidão estão entre Apollinaire, em perspectiva comparada com Baudelaire e Breton, confira o ensaio de Caroline Andriot-Saillant (2005).

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire *de ma jeunesse*” (APOLLINAIRE, 1965, p.108) – numa espécie de atualização da tópica do *ubi sunt*, que tem origem bíblica no livro de Baruc (Br 3,16)⁵. Tal contraste, como na menção a Pio X, produz “surpresa”, que assinalo entre aspas para indicar a centralidade desse termo na reflexão poética de Apollinaire (1991, p.949): “*la surprise est le grand ressort nouveau*”! “a surpresa é a nova grande mola”. Surpresa que é um dos componentes que fundaria o “espírito novo”: “o espírito novo é aquele do tempo em que vivemos [...] tempo fértil em surpresas (1991, p.954)⁶. E que representaria uma recusa ao sentido, de forma geral, como caracterizou Peter Burger (1993) em sua *Teoria da vanguarda*:

O receptor não se pode resignar simplesmente a descrever o sentido de uma parte da obra; tentará alargar o próprio carácter enigmático da obra de vanguarda, e para isso tem que se situar noutra nível da interpretação. Em vez de pretender captar um sentido mediante as relações entre o todo e as partes da obra, procurará encontrar os princípios constitutivos desta, a fim de neles encontrar a chave do carácter enigmático da criação. (BURGER, 1993, p.132).

3.

Na conferência, as máquinas abririam à possibilidade de explorar o ínfimo e o “infinitamente grande”. Lembra-nos do conhecido poema “Máquina do mundo” de Carlos Drummond de Andrade⁷. Porém, igualmente, de um fragmento das *Pensées* de Pascal (1976) sobre o duplo infinito e o lugar do homem: um nada em relação ao infinito, um tudo em relação ao nada. Corresponde, no filósofo, a uma oposição entre um excesso de sensibilidade do homem para as menores coisas da vida, na direção de uma natureza que corrompe, e uma “estranha insensibilidade para as maiores” (PASCAL, 1976, p.105). Nesse momento, o que está em jogo em Apollinaire (1991, p.945) é o confronto imediato com a profecia – uma das atividades da imaginação, afirmaria –, como se estivesse atento a outro movimento

⁵ Confira Bíblia (Baruc, 3,16).

⁶ Para André Billy, haveria em Apollinaire sempre “[...] uma necessidade de desconcertar, de surpreender, de quebrar o ritmo, de romper com o desenvolvimento de um sentimento ou de um pensamento.” (APOLLINAIRE, 1965, p.XXX). Há um estudo recente de Antonio Rodriguez (2017) sobre a noção de surpresa, que evidencia o quanto essa noção, presente também em Reverdy, Cocteau, Jacob, dentre outros, é frágil ou ampla demais para conter todas as inovações estéticas das vanguardas.

⁷ Confira Andrade (1983).

do texto de Pascal, que diz respeito à dificuldade do homem, distante dos dois extremos, de compreender o segredo de cada um deles: “[...] incapaz de ver o nada de onde saiu, e o infinito onde está engolido.” (APOLLINAIRE, 1991, p.66). Com a máquina, como a máquina – palavra que faz parte do vocabulário pascalino, na “*Lettre qui marque l'utilité des preuves par la machine*” (PASCAL, 1976, p.122) – os poetas seriam capazes desse desvendamento. É o que faz deles “poetas de uma verdade sempre nova”, afirma Apollinaire (1991, p.951). Tornam-se “criadores, inventores e profetas” (APOLLINAIRE, 1991, p.952). Caberia a eles “*dompter la prophétie*”: domar, subjugar a profecia. Dominação que se inscreve no futuro com menção a esse vocabulário do *machiner*, que é também o fonógrafo e o cinema:

Ils veulent, enfin, un jour, machiner la poésie comme on a machiné le monde. Ils veulent être les premiers à fournir un lyrisme tout neuf à ces nouveaux moyens d'expression qui ajoutent à l'art le mouvement et qui sont le phonographe et le cinéma. [Eles querem, enfim, um dia, maquinar a poesia como se maquinou o mundo. Querem ser os primeiros a fornecer um lirismo a esses novos modos de expressão que acrescentaram à arte o movimento e que são o fonógrafo e o cinema.] (APOLLINAIRE, 1991, p.954).

4.

Trata-se de pensar o movimento da máquina na perspectiva da profecia. De uma profecia conforme indicada por Paul Bénichou (2004, p.91) em seus estudos sobre o Romantismo, quando a poesia cristã, limitada até então pela geografia literária do classicismo como um “anexo da religião”, readquiriria a sua dignidade perdida. Com essa “poesia regenerada” (BÉNICHOU, 2004, p.89), promove-se a literatura a um poder espiritual: sacerdócio laico e otimismo ontológico. Faz-se da profissão de fé na perfectibilidade humana um corolário da liberdade individual, que seria fruto, no pensamento liberal de Benjamin Constant, Guizot e Jouffroy, citados pelo crítico, de um movimento que nos levaria “[...] a uma região de existência superior onde cessa a escravidão do instinto.” (BÉNICHOU, 2004, p.457). Diferentemente de uma liberdade “liberal” implicada nessa lógica da transcendência, e que Bénichou chamou de um “espiritualismo liberal” fora das vias do dogmatismo cristão⁸, tal transcendência parece estar duplamente

⁸ Ainda que mais contundente do ponto de vista religioso do que o deísmo do século anterior, afirmamos, aceitando, além disso, que o cristianismo possa ocupar o lugar de uma educação do gênero

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire relacionada em Apollinaire, por um lado, com um retorno à religião da infância – e que nos faz pensar no cinema e no fonógrafo também como máquinas da memória –, por outro, com a criação artística, como se esta cumprisse o anúncio positivo de regeneração terrestre⁹ ou representasse um discurso que é enigma e possibilidade de revelação. No poema “*Un soir*”, acena-se para um momento presente, da palavra – mas também da visão –, diante de um céu “branco de arcanjos”.

*Des cloches aux sons clairs annonçaient ta naissance
Vois
Les chemins sont fleuris et les palmes s'avancent
Vers toi*

[Sinos de sons claros anunciavam teu nascimento
Vê
Os caminhos estão floridos e as palmeiras avançam
Para ti] (APOLLINAIRE, 1965, p.126).

Essa regeneração se dá, contudo, na luta com a profecia “indomável”, comparada com uma “ardente cavale” (APOLLINAIRE, 1991, p.954), como se os signos da providência, manifestos pela própria linguagem crítica de Apollinaire – “os prodígios falarão deles mesmos” (APOLLINAIRE, 1991, p.954) – fossem substituídos por um relativo progresso espiritual. O apelo à máquina torna-se um caminho para pensar na “sutileza do poeta”, que deve ser a mesma dos “artesãos que aperfeiçoam uma máquina” (APOLLINAIRE, 1991, p.954).

5.

São dois lugares que se instituem, da infância e do futuro – “a manhã vai chegar”, em “*Zone*” (APOLLINAIRE, 1965, p.43) – frente a outros recusados. Pierre Brunel (1997) os percorreu em *Apollinaire entre deux mondes: le contrepoint mythique dans “Alcools”*. No poema, o eu se diz “cansado do mundo antigo” e “de viver na antiguidade grega e romana”. Do mesmo modo, os automóveis parecem antigos, como se à antiguidade viesse somar-se esse “passado recente” ou como

humano (BÉNICHOU, 2004, p.457).

⁹ Estou pensando em oposição a uma dimensão escatológica da profecia do reino divino, que é o centro da predicação de Jesus. Confira Lacoste (1998).

se o mundo moderno nunca o fosse suficientemente (BRUNEL, 1997, p.3). Trata-se de uma recusa que supõe a modernidade, porém não sem que o poeta institua uma mitologia capaz, a cada momento, de unir esses tempos de forma surpreendente numa espécie de poética das simultaneidades¹⁰. Com ela, reencena uma variedade de temas que já estavam presentes na poesia romântica: o sonho, a viagem, o oriente. O eu de *Alcools* vê Canaan, viaja ao Texas, visita um cemitério em Munique, num momento em que a memória “subitamente, rápida” faz do céu um apocalipse “coberto de mil mitologias imóveis” (APOLLINAIRE, 1965, p.67).

Em meio a esses lugares, como se correspondesse a um ponto de fuga, frágil, inscrevendo-se precariamente numa composição fragmentária, surge a novidade que é a religião: novidade, mas também simplicidade. Ela seria simples como os “hangares de porta-aviões”: “*la religion/ est restée simple comme les hangars de Port-Aviation*” (APOLLINAIRE, 1965, p.39). Estaria expressa nas figuras do Cristo, “*pupille Christ de l’oeil*”, de Nossa Senhora, cujo sangue do Sagrado Coração teria “inundado” o eu, e no Papa Pio X. Faz-nos pensar no quanto a experiência profética, que está no poema “*Sur les prophéties*” de *Calligrammes*, é ambígua em Apollinaire, como observaram Marcel Adéma et Michel Décaudin: irônica mas ao mesmo tempo essencial para a sua poesia (APOLLINAIRE, 1965, p.1082). Em “*Zone*”, o sentido religioso é um dos lugares que parecem vir suprimir “as barreiras nas quais está fechada a existência histórica dos homens”, para pensar com o auxílio de Romano Guardini (1945, p.9). Na parte final do poema, a promessa da viagem – “*tes fétiches d’Océanie et de Guinée*” (APOLLINAIRE, 1965, p.44) – rapidamente desloca-se para um “eles” que recupera esses mesmos “fétiches”, transformando-os em Cristos “inferiores das esperanças obscuras”/ “*Ce sont les Christs inférieurs des obscures espérances*” (APOLLINAIRE, 1965, p.44).

6.

Pio X foi mencionado por Apollinaire num artigo de sua coluna “*Échos sur les lettres et les arts*” no *Mercure de France*, em 1918, dedicado a uma “querela teológica” entre Francisco Suarez e São Tomás de Aquino, no momento de celebração do centenário do teólogo espanhol. Tal querela opunha a recomendação do estudo da teologia de São Tomás de Aquino, que Pio X tornaria exclusivo no

¹⁰ Pierre Brunel (1997) serve-se de figuras e imagens importantes para entender alguns dos movimentos dos poemas de *Alcools*, como as da fuga e do contraponto musical como modelos de uma parte da literatura do século XX, figuras composicionais que exprimiriam essa simultaneidade.

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire

ensino de escolas católicas, a uma carta de Bento XV de 1917, que teria autorizado contraditoriamente o ensino das doutrinas de Suarez (APOLLINAIRE, 1991, p.1361). Num artigo de *L'Intransigeant*, de 1913, dedicado a uma exposição de mulheres artistas, Apollinaire também mencionaria Pio X, esculpido “de maneira expressiva” por Ernesta Robert-Mérignac¹¹.

Pio X, como se sabe, foi autor de um decreto intitulado *Lamentabili sane exitu*¹² que condenou os “erros modernistas”, decreto elaborado pela Santa Inquisição e publicado em 1907. Multiplicam-se os equívocos: o “europeu mais moderno”, na acepção positiva de que o poema “*Zone*” parece revestir a figura do Papa, teria sido aquele que condenou um conjunto de “erros”. Tais erros, por sua vez, têm menos a ver com a modernidade artística, do que com práticas historiográficas relacionadas com a interpretação de textos religiosos. A condenação expressa no decreto retomou 65 proposições “modernistas”, a maior parte delas de Alfred Loisy, autor de *L'Évangile et l'Église*¹³, para contestá-las e proscrevê-las integralmente.

São condenações que se exprimiram também na encíclica *Pascendi Dominici gregis/Aspicient o rebanho do Senhor*¹⁴, de 1907, que assume um debate contra o “modernismo”. Nela há capítulos sobre o filósofo modernista, sobre o teólogo modernista, e uma reflexão tanto sobre as causas do que se identificou como “modernismo” – uma delas, o orgulho – quanto os remédios para isso: a recomendação aos bispos “para que os livros dos modernistas já publicados não sejam lidos”, a instituição de um censor para publicações, a suspensão dos congressos de sacerdotes, senão em “raríssimas exceções”. Num trecho importante do documento, vê-se que a questão é também a possibilidade de entender historicamente dogmas e doutrinas da Igreja.

Ousadamente afirmam os modernistas, e isto mesmo se conclui das suas doutrinas, que os dogmas não somente podem, mas positivamente devem evoluir e mudar-se. De fato, entre os pontos principais da sua doutrina, contam também este, que deduzem da imanência vital: as fórmulas religiosas, para que realmente sejam tais e não só meras especulações da inteligência,

¹¹ Sirvo-me do acervo digital HyperApollinaire (2018) organizado por Didier Alexandre, Michel Murat e Laurence Campa.

¹² Confira Pio X (1907b).

¹³ Confira Loisy (2015).

¹⁴ Todos os trechos abaixo provêm da tradução para o português realizada pela equipe da Libreria Editrice Vaticana. Confira Pio X (1907a).

precisam ser vitais e viver da mesma vida do sentimento religioso. (PIO X, 1907)¹⁵.

Trata-se, de algum modo, de um debate que está no centro do poema de Apollinaire. Ele supõe a passagem no tempo, ainda que não diga respeito à história interpretativa. A “religião”, como afirmaria o eu de “*Zone*”, torna-se nova. Ela é nova, contudo, por oposição a uma modernidade “antiga” e em virtude de uma capacidade de fazer nova a crença. Para alcançar esse resultado não é necessário, paradoxalmente, reatualizar-se ou “evoluir e mudar-se”. O antigo pode ser o novo, como afirmou para a própria noção de “novidade” em “*L’Esprit nouveau et les poètes*”: “o novo existe, sem ser um progresso [...] ele está na surpresa” (APOLLINAIRE, 1991, p.949).

7.

Si tu vivais dans l’ancien temps tu entrerais dans un monastère
Vous avez honte quand vous vous surprenez à dire une prière
Tu te moques de toi et comme le feu de l’Enfer ton rire pétille
Les étincelles de ton rire dorent le fond de la vie
C’est un tableau pendu dans un sombre musée (APOLLINAIRE, 1965, p.41).

[Se vivesses no tempo antigo entrarias num monastério
Vocês têm vergonha quando se surpreendem rezando
Tu zombas de ti e o fogo do Inferno teu riso crepita
As fagulhas de teu riso douram o fundo da vida
É um quadro pendurado num museu escuro.]

Nestes versos de “*Zone*”, vemos um monastério surgir como possibilidade para alguém que viveria num “tempo antigo”. O verso seguinte salta ao presente para afirmar a vergonha de um “vous” – o próprio eu ou eventual leitor do poema? – que se flagra rezando. Em seguida, ressurgue o “tu” rindo de si mesmo junto ao fogo do inferno. Por fim, o último verso do trecho figura toda a ação anterior como um “quadro pendurado num museu escuro”. Parece fazer da própria alternância entre passado e presente, monastério e inferno, prece e riso, apenas uma imagem fixa numa moldura, como se correspondesse a certa distância

¹⁵ Pierre Hadot (2001, p.39), em depoimento recente, assinalou o seu desconforto com o juramento antimodernista: “[...] eu devia declarar, entre outras coisas, que considerava que a doutrina da fé transmitida pelos Apóstolos e pelos Pais havia permanecido absolutamente imutável desde as origens e que a ideia de uma evolução dos dogmas seria herética.”

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire com relação às vozes assumidas no trecho, o tu e o vós/vocês, tanto quanto aos diversos tempos aí manifestos.

Esse não-lugar temporal, como se vê, problematiza a compreensão do “moderno”, do Papa Pio X “moderno”. Porque recoloca noutra âmbito a reflexão sobre a modernidade formulada por Baudelaire (1968, p.553) em *O pintor da vida moderna*: “a modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte; a outra metade é o eterno e o imutável.” Trata-se, em Baudelaire tanto quanto em Apollinaire, de uma relação entre dois tempos que vem desde a patrística. Em Agostinho (1999, p.414), está na interpretação do texto do *Gênesis*, na predestinação do Cristo “anterior a todos os tempos, sem manhã nem tarde”, em oposição ao tempo, ou na própria dificuldade de conceber um discurso a Deus, no tempo, frente à sua eternidade: “Sendo vossa a eternidade, ignorais porventura, Senhor, o que eu Vos digo, ou não vedes no tempo o que se passa no tempo?” (AGOSTINHO, 1999, p.310).

Corresponde menos a uma oposição entre esses dois tempos do que a uma tensão que é constitutiva também da teologia cristã, sobretudo em sua dimensão litúrgica: é na existência de cada dia que recebemos a graça, afirma o Missal Romano¹⁶. A modernidade estaria nesses mesmos dois lugares, dividida entre eles. No texto de Baudelaire, os exemplos provêm da pintura: do necessário estudo dos grandes mestres, mas também de uma “memória do presente” que se deve conservar: o gesto, o olhar, o sorriso de um tempo que formam um “todo de uma completa vitalidade” (BAUDELAIRE, 1968, p.554). Em Apollinaire, é o quadro que está no museu escuro em oposição à luminosidade de um sorriso, às fagulhas, como se o movimento de construção do poema tivesse de ir, a cada momento, a essas duas direções: a uma experiência do tempo efêmero, porém igualmente a um tempo alargado. Como se o tempo mortal não deixasse de figurar uma permanência, porém fosse do âmbito dessa permanência a representação do que é menor, histórico, contingente – o cálice da “nova e eterna” aliança da celebração eucarística. Em ambos, além disso, um vetor temporal cujo vocabulário não é só, ambigualmente, o progresso. Baudelaire, no prefácio que escreveu Apollinaire a suas obras, seria um “espírito profético”¹⁷.

¹⁶ Na teologia há outros modos de compreensão da noção da eternidade, como uma espécie de duração imensa, por exemplo, ou com especial atenção à temporalização da figura do Cristo, como modo de participação de Deus no tempo e do homem em sua eternidade. Confira verbete “*Éternité divine*” no *Dictionnaire critique de théologie* (LACOSTE, 1999, p.497-498).

¹⁷ A expressão está na página 23 de *L'œuvre poétique de Charles Baudelaire. Les Fleurs du Mal*. Confira Baudelaire (1917). Marcos Siscar (2010, p.42, grifo do autor) observou como essa força profética em

8.

Em Paris, há poucos anos atrás, um colóquio intitulado *Apollinaire, le religieux et le sacré*¹⁸, percorreu alguns desses caminhos. Elena Fernández-Miranda apontou para o gosto de Apollinaire pela provocação dirigida ao divino. Está, como se sabe, num poema como “*L’Ermite*”, que cito e traduzo:

*Ó Seigneur flagellez les nuées du coucher
Qui vous tendent le ciel de si jolis culs roses* (APOLLINAIRE, 1965, p.100).

[O Senhor açoitai as nuvens do poente
Que no céu rósea bela bunda estende]

Daniel Delbreil caracterizou certa heresia nas narrativas de Guillaume Apollinaire. Étienne-Alain Hubert apontou, por sua vez, para a relação entre o religioso e o sexual. Tal relação faz-nos lembrar da transferência do tema apocalíptico das portas que se abrem ao céu, portas que serão também as da Jerusalém celeste, no texto bíblico (Ap 21, 12)¹⁹, para “As nove portas de teu corpo”, poema erótico enviado a Madeleine Pagès numa carta de 1915, e que reelabora texto semelhante escrito a Louise de Coligny-Châtillon e publicado em *Poèmes à Lou*. Cito um trecho:

*Et toi neuvième porte plus mystérieuse encore
Qui t’ouvres entre deux montagnes de perles
Toi plus mystérieuse encore que les autres
Porte des sacrilèges dont on n’ose point parler* (APOLLINAIRE, 1965, p.619).

[E tu nona porta mais misteriosa ainda
Que te abres entre duas montanhas de pérolas
Tu mais misteriosa ainda que as outras
Porta dos sacrilégios de que não se ousa falar]

Victor Martin-Schmet indicou o diálogo epistolar de Apollinaire com padres e religiosos, como foi o caso de Max Jacob, um dos melhores amigos de Apollinaire, desde 1904 (COUFFIGNAL, 1966) e Pierre Reverdy, ambos

Baudelaire está menos na confiança romântica do que “[...] na capacidade de revelar, em perspectiva histórica [...], a crise, o colapso ou o naufrágio como sentido da experiência presente.”

¹⁸ Confira *Colloque Apollinaire...* (2016).

¹⁹ Confira Bíblia (Apocalipse, 21, 12).

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire

moradores da abadia de Saint-Benoît-sur-Loire, ou Jean Cocteau, que se converteu por um breve período ao catolicismo por influência de Jacques Maritain. Pierre Caizergues, por sua vez, lastreou a presença do tema religioso em *Un album de jeunesse* (1893-1895). Neste caso, trata-se de um livro do período em que Apollinaire ainda assinava como Wilhem de Kostrowitzky. Nele há poemas como “*Noël*”, de 1894, no qual dialogam texto e gravuras, uma delas, uma imagem da cruz com a menção “*Inri*” (CAIZERGUES, 2003, p.701).

Frente a esses caminhos, que relacionam crença e descrença, conversão e distância, infância religiosa e ironia, há o poema abaixo, “*Prière*”, publicado na parte de poemas diversos do livro *Le Guetteur mélancolique*, coletânea póstuma, de 1952, organizada por Bernard Poissonnier e Robert Mallet. Trata-se de um poema complexo que retoma um verso do poema “*Zone*”, transposto, no poema de *Alcools*, à segunda voz, tu, e ao tempo presente, “*ta mère ne t’habille que de bleu et de blanc*”. O poema está citado e traduzido na íntegra:

*Quand j'étais un petit enfant
Ma mère ne m'habillait que de bleu et de blanc
O Sainte Vierge
M'aimez-vous encore
Moi je sais bien que je vous aimerai
Jusqu'à ma mort
Et cependant c'est bien fini
Je ne crois plus au ciel ni à l'enfer
Je ne crois plus je ne crois plus
Le matelot qui fut sauvé
Pour n'avoir jamais oublié
De dire chaque jour un Ave
Me ressemblait me ressemblait* (APOLLINAIRE, 1965, p.576).

[Quando eu era pequenino
Minha mãe só me vestia
De azul e branco, ó Virgem Santa
Ainda me amas? Eu sei
Que te amarei até a morte
Mas tudo acabou não creio
Mas no céu nem no inferno
Não creio mais não creio mais
O marujo que foi salvo por nunca
Ter esquecido de dizer um Ave
Era como eu era como eu]

O poema, de algum modo, aponta para o que Pascal Pia (1969) evidenciou em sua leitura: certa impossibilidade de retornar a esse lugar da infância. É o mesmo movimento que está num dos momentos iniciais do poema “*Zone*”, recusa que diz respeito, neste caso, também a certa vergonha.

*Et toi que les fenêtres observent la honte qui retient
D’entrer dans une église et d’y confesser ce matin.* (APOLLINAIRE, 1965, p.39).

[E você que as janelas vêem a vergonha que o impede
De entrar numa igreja e confessar esta manhã.]

9.

Trata-se de caminho semelhante ao que percorreu Robert Couffignal (1966) no estudo *L’inspiration biblique dans l’œuvre de Guillaume Apollinaire*. Para além dessa trajetória de “desconversão” do poeta, o crítico observou, contudo, o trânsito de certa textualidade bíblica e personagens em sua obra: a expressão “vinha eterna”, por exemplo, proveniente de São Mateus (COUFFIGNAL, 1966, p.141). São episódios do texto religioso reelaborados pelo poeta, como estarão também em outros livros das vanguardas, como *Saint Matorel* de Max Jacob, publicado em 1911. Antonio Rodriguez, em prefácio à edição recente do poeta de *Le Cornet à dés*, afirmou o interesse de ambos nesse momento por uma “revelação mágica do mundo, próxima da tradição órfica” (JACOB, 2012, p.179) – sabendo que “*Zone*” é um dos textos tardios incluídos em *Alcools*, lido pelo poeta em 1912 num bar da Place Pigale²⁰. No *Bestiário* de Apollinaire, Orfeu torna-se o Cristo:

*Que ton coeur soit l’appât et le ciel, la piscine!
Car, pêcheur, quel poisson d’eau douce ou bien marine
Egale-t-il, et par la forme et la saveur.
Ce beau poisson divin qu’est JÉSUS, Mon Sauveur?* (APOLLINAIRE, 1965, p.20).

[Que teu coração seja a isca e o céu, a piscina!
Pois, pescador, qual peixe de água doce ou bem marinha
Iguala, tanto na forma quanto no sabor,
O bom peixe divino que é JESUS, Meu Salvador?]

²⁰ Confira Breunig (1952, p.919).

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire

Lázaro no poema “*À la santé*”, por sua vez, seria comparado com o próprio eu, num trecho que retomaria o episódio do encarceramento de Apollinaire na Santé (PIA, 1969, p.82)²¹. Segundo André Billy²², é o momento em que, em desespero, teria retomado a fé da infância e escrito o poema abaixo:

*Je viens de retrouver la foi
Comme aux beaux jours de mon enfance
Seigneur, agréez mes hommages
Je crois en vous, je crois, je crois
Et je viens de dire un rosaire
Avec mes doigts pour chapelet
O Vierge Sainte, écoutez-les
Écoutez mes pauvres prières* (APOLLINAIRE, 1965, p.XXVI).

[Acabo de reencontrar a fé
Como nos belos dias de minha infância
Senhor, acolhei minhas homenagens
Eu creio em vós, eu creio, eu creio
E acabo de rezar o rosário
Com meus dedos como contas
Ó Virgem Santa, escutai
Escutai as minhas pobres preces]

Outros personagens religiosos também surgiriam na poesia de Apollinaire. Em *Alcools*, no poema “*La Loreley*”, tradução livre do poema “*Die Lorelei*” de Clemens Brentano, há um bispo enfeitiçado por uma bruxa²³. Ele é o vetor possível da redenção da personagem feminina, que está sofrendo pela perda do amante.

*Je flambe dans ces flammes ô belle Loreley
Qu'un autre te condamne tu m'as ensorcelé* (APOLLINAIRE, 1965, p.115).

[Eu queimo nessas chamas ó linda Loreley
Que outro te condene você me enfeitiçou]

²¹ Embora não seja aqui o ressuscitado, mas aquele “que entra no túmulo/ em vez de sair”: “*Le Lazare entrant dans la tombe/ Au lieu d'en sortir comme il fit*” (APOLLINAIRE, 1965, p. 140).

²² Confirma Apollinaire (1965, p.XXVI).

²³ O poema retoma uma lenda que está presente em dois escritores alemães, Clemens Brentano e Heinrich Heine. Silvana Amorim observou nela o tema da impossibilidade do amor e apontou para a comparação entre Loreley e Jeanne d'Arc no verso “*Jetez jetez aux flammes cette sorcellerie*” (AMORIM, 2003, p.102). Há uma comparação dos poemas de Brentano e Apollinaire feita por Erika Tunner (1992).

Em vez de condená-la a pedidos dela própria, o bispo decide, entretanto, levá-la ao convento. É quando, em certo momento, ela pede para ver uma última vez o seu castelo, sobe ao alto da montanha e cai no Reno ofuscada pelo reflexo de seus “cabelos de sol”.

10.

Haveria outros caminhos a percorrer, como fez Robert Couffignal, que observou em “Zone” de *Alcools* um dos principais poemas da literatura cristã, atento igualmente à dimensão humana do Cristo em Apollinaire: “Deus encarnado, filho de mãe humana que morreu e ressuscitou” (COUFFIGNAL, 1966, p.151). Poderíamos pensar nos diálogos possíveis de Apollinaire com poetas que no início do século XX se converteram: Paul Claudel, Pierre Reverdy, Max Jacob, Pierre Jean Jouve. Um poema como “*Passion*”, publicado na revista *Le Festin d'Ésope: revue des belles lettres*, em 1904, com “*La Loreley*”, de 1901, lembram-nos de certa “poesia da natureza” de Francis Jammes, para retomar as palavras de Marcel Raymond (1997, p.62), mesclada com elementos da religião cristã que atualizariam – Jammes é autor do final do XIX, contemporâneo da primeira poesia de Apollinaire – a “existência de Deus provada pelas maravilhas da natureza” de Chateaubriand (1828, p.85) de *Génie du Christianisme*. Cito o poema de Apollinaire que parece exprimir esse diálogo:

*J'adore un Christ de bois qui pâtit sur la route
Une chèvre attachée à la croix noire broute
A la ronde les bourgs souffrent la passion
Du Christ dont la latrie aime la fiction
La chèvre a regardé les hameaux qui défaillent
A l'heure où fatigués les hommes qui travaillent
Au verger pâle au bois plaintif ou dans le champ
En rentrant tourneront leurs faces au couchant
Embaumé par les foins d'occidental cinname
Au couchant où sanglant et rond comme mon âme
Le grand soleil païen fait mourir en mourant
Avec les bourgs lointains le Christ indifférent* (APOLLINAIRE, 1965, p.532).

[Adoro um Cristo de madeira que padece na estrada
Uma cabra amarrada à cruz negra pasta
Na ronda os burgos sofrem a paixão
Do Cristo cuja latria ama a ficção

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire

A cabra viu casinhas que se apagam
Na hora em que cansados os homens que trabalham
Na relva pálida bosque choroso ou campo
Giram os rostos às casas retornando
Para o poente em que sangrando
E redondo como minha alma
Perfumado de fenos de ocidental cínamo
O grande sol pagão que morre e faz morrer
Com os burgos distantes o Cristo indiferente]

Lembram-nos, todos esses poemas, de um estudo de Hans Urs Von Balthasar (1990, p.436), que justificou uma apreensão dos sentidos, estética, como um lugar de acesso ao mundo e a Deus: “Jesus pretendia estar escondido ou visível?” E de uma dimensão de revelação, criadora, com a qual Deus se manifestaria “ele próprio a todos os seres” (BALTHASAR, 1990, p.79).

No caso de Apollinaire, esse Deus se tornaria o próprio poeta num poema como “*Dieu*”, texto também de juventude, incluído na edição de 1965 da *collection Bibliothèque de la Pléiade*. Nele o eu se vê à imagem de Deus. O poema está citado e traduzido integralmente.

“*Dieu*”

*Je veux vivre inhumain, puissant et orgueilleux
Puisque je fus créé à l'image de Dieu
Mais comme un dieu je suis très soumis au destin
Qui me laisse un regret des antiques instincts
Et prédit dans ma race un dieu juste et certain.
Voyez de l'animal un homme vous est né
Et le dieu qui sera en moi s'est incarné* (APOLLINAIRE, 1965, p.838).

[Quero viver inumano, potente e orgulhoso
Pois à imagem de Deus fui criado
Porém como deus me submeto ao destino
Que um lamento me traz de antigos instintos
E prediz em minha raça um deus justo e certo.
Veja do animal um homem foi criado
E o deus que em mim será está encarnado]

São poemas que exploram a oposição entre o eu criador e o criado/submisso dos primeiros versos. Neste caso, com a dificuldade adicional de traduzir o

penúltimo verso: “*un homme vous est né*”. O homem/eu aí pode ser, de certo modo, o vós, porque está em sua proximidade, no texto sem vírgulas. Mas é também concebido por ele, dele nascido, como surge no versículo de Lucas (2,11)²⁴: “*Il vous est né un Sauveur qui est le Christ Seigneur*”/ “Pois, na Cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor”.

No poema há essa visibilidade de Deus que é a própria criação. Trata-se de um nascimento que é encarnação “à imagem de”. Com ele, por um lado, uma dimensão dos verbos no indicativo ou imperativo presente – “*voyez*” – que está em vários poemas de *Alcools*, em trechos como “*tu es debout*”, “*tu es la nuit*”, de “*Zone*” (APOLLINAIRE, 1965, p.43), ou na segunda parte de “*Le brasier*”: “*Je flambe dans le brasier*”, “*voici le paquebot et ma vie renouvelée*” (APOLLINAIRE, 1965, p.109). A ela se soma um lugar do recomeço, da renovação. Está na esperança do poema que se inicia em *Alcools* com o verso “*Pardonnez-moi mon ignorance*”: esperança de um tempo que venha multiplicar-se “realizando a diversidade formal de meu amor” (APOLLINAIRE, 1965, p.132), ou na imagem do poema final “*Vendémiaire*”: “As estrelas morriam o dia quase nascia” (APOLLINAIRE, 1965, p.154), que reproduz a oscilação tão bela do poema “*L’Adieu*”, abaixo, entre desaparecimento e espera:

*J’ai cueilli ce brin de bruyère
L’automne est mort souviens-t’en
Nous ne nous verrons plus sur terre
Odeur du temps brin de bruyère
Et souviens-toi que je t’attends* (APOLLINAIRE, 1965, p.85).

Este ramo de urze colhi
Lembra o outono se foi
Não nos veremos mais aqui
Cheiro do tempo ramo de urze
Mas eu te espero atento

Surge, igualmente, num poema como “*Poème lu au mariage d’André Salmon*”. Este nos afirma uma renovação do mundo possível apenas àqueles “*qui sont fondés en poésie*”/ “fundados na poesia” e das palavras “*qui forment et défont l’Univers*”/ “que formam e desfazem o Universo” (APOLLINAIRE, 1965, p.83-84). Faz-nos lembrar do Deus de Romano Guardini: “potência insondável

²⁴ Confira Bíblia (Lucas, 2,11).

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire do recomeço”²⁵. Mas também daquilo que afirmou Apollinaire na conferência “*L’esprit nouveau et les poètes*”, de uma vida renovada na palavra, abundante – “*sans cesse*” – que é “a perpétua renovação de nós mesmos”:

Les poètes enfin seront chargés de donner par les téléologies lyriques et les alchimies archilyriques un sens toujours plus purs à l'idée divine, qui est en nous si vivante et si vraie, qui est ce perpétuel renouvellement de nous mêmes, cette création éternelle, cette poésie sans cesse renaissante dont nous vivons. [Os poetas estarão encarregados, enfim, de oferecer por meio das teleologias líricas e alquimias arquilíricas um sentido ainda mais puro à ideia divina, que é em nós tão viva e tão verdadeira, que é essa perpétua renovação de nós mesmos, essa criação eterna, essa poesia sempre renascente da qual vivemos.] (APOLLINAIRE, 1991, p.952).

Agradecimentos

Este artigo é um dos resultados da pesquisa Literatura e Catolicismo no século XX apoiada pela Fapesp (processo 2017/06254-5).

“ONLY IN EUROPE, O CHRISTIANITY, ARE YOU NOT OUTDATED”: SNIPPETS ABOUT GUILLAUME APOLLINAIRE

ABSTRACT: *This essay aims to cover aspects of the relationship between Guillaume Apollinaire's poetry and Catholicism, departing from the reading of poems published in *Alcools* [Alcohols], a collection of texts and critique.*

KEYWORDS: *Guillaume Apollinaire. 20th-century French poetry.*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Minima moralia**. São Paulo: Ática, 1993.

AMORIM, S. V. S. **Guillaume Apollinaire**: fábula e lírica. São Paulo: Ed.UNESP, 2003.

ANDRADE, C. D. de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

ANDRIOT-SAILLANT, C. Tu marches dans Paris tout seul parmi la foule: la poésie moderne en quête de soi (Baudelaire, Apollinaire, Breton). PAUL, J. -M. (dir.).

²⁵ “[...] *c'est que Dieu n'est pas seulement l'auteur du Bien et le gardien de la Justice, mais aussi la puissance insondable du recommencement.*” (GUARDINI, 1945, t.1, p. 64).

Pablo Simpson

La foule: mythes et figures: De la Révolution à aujourd'hui [en ligne]. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2005. p.189-209. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pur/34637>>. Acesso em: 10 set. 2018.

APOLLINAIRE, G. **Œuvres en prose complètes**. t.II. Textes établis, présentés et annotés par Pierre Caizergues et Michel Décaudin. Paris : Gallimard, 1991. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Œuvres poétiques**. Préface par André Billy, texte établi et annoté par Marcel Adéma et Michel Décaudin. Paris : Gallimard, 1965. (Bibliothèque de la Pléiade).

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

BALTHASAR, H. U. V. **La Gloire et la croix, les aspects esthétiques de la révélation I**. Apparition, traduit de l'allemand para Robert Givord. Paris : Desclée de Brower, 1990.

BAUDELAIRE, C. **Œuvres complètes**. Bruges : Gallimard, 1968.

_____. **L'œuvre poétique de Charles Baudelaire. Les Fleurs du Mal**. Texte définitif avec les variantes de la première édition (1857) et les pièces ajoutées dans les éditions de 1861, 1866, 1868. Introduction et notes de Guillaume Apollinaire. Paris: Bibliothèque des curieux, 1917.

BÉNICHOU, P. **Romantismes français I**. Paris : Gallimard, 2004. (Quarto).

BÍBLIA. A. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola, 2001a. p.1607-11626.

_____. Baruc. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola, 2001b. p.1108-1536.

_____. Lucas. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola, 2001c. p.1347-1390.

BREUNIG, L. C. The Chronology of Apollinaire's Alcools. **PMLA**, v.67, n.7, p.907-923, 1952, Disponível em: <www.jstor.org/stable/459948>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BRUNEL, P. **Apollinaire entre deux mondes: le contrepoint mythique dans Alcools: Mythocritique II**. Paris : Presses Universitaires de France, 1997.

BURGER, P. **Teoria da vanguarda**. Tradução de Ernesto Sampaio. Lisboa : Vega, 1993.

CAIZERGUES, P. Guillaume Apollinaire's album (1893-1895). **Revue d'histoire littéraire de la France**, v.103, n.3, p. 699-706, 2003.

“Só na Europa você não é antiquado, ó Cristianismo”: recortes sobre Guillaume Apollinaire

CHATEAUBRIAND, F. -R. de. **Génie du christianisme**. Paris: Garnier Frères, 1828. Disponível em: <fr.wikisource.org/wiki/Génie_du_christianisme>. Acesso em: 14 mar. 2019.

COLLOQUE APOLLINAIRE, LE RELIGIEUX ET LE SACRE. XXIIIème. Stavelot, 2016.

COUFFIGNAL, R. **L’Inspiration biblique dans l’oeuvre de Guillaume Apollinaire**. Paris : Lettres Modernes, 1966.

GUARDINI, R. **Le Seigneur**. Paris : Alsatia, 1945. 2 t.

HADOT, P. **La Philosophie comme manière de vivre, entretiens avec Jeannie Carlier et Arnold I. Davidson**. Paris : A. Michel, 2001.

HYPERAPOLLINAIRE. Organizado por Didier Alexandre, Michel Murat e Laurence Campa. Disponível em: <<http://obvil.sorbonne-universite.site/corpus/apollinaire/>>. Acesso em: 13 dez.2018.

JACOB, M. **Oeuvres**. Edition établie, présentée et annotée par Antonio Rodriguez, préface de Guy Goffette. Paris : Gallimard, 2012.

LACOSTE, J-Y. (Dir.). **Dictionnaire critique de théologie**. Paris : Presses Universitaires de France, 1998.

LEHMAN, D. Apollinaire’s “Zone”. **VQR**: a national journal of literature & discussion, v.89, spring 2013. Disponível em: <<https://www.vqronline.org/translations/apollinaires-zone>>. Acesso em:14 mar. 20019.

LOISY, A. **L’Évangile et l’Église**. Paris : FB Editions, 2015.

MACEDO, R. V. **Murilo Mendes nos periódicos Boletim de Ariel e Dom Casmurro**. 2016. 136 f. Dissertação (mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2016.

PASCAL, B. **Pensées**. Texte établi par Léon Brunschvicg. Présentation par Dominique Descotes. Paris : Flammarion, 1976.

PIA, P. **Apollinaire par lui-même**. Paris : Seghers, 1969.

PIO X. **Carta encíclica Pascendi Dominici gregis**. 1907a. Disponível em: <w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Decreto Lamentabili sane exitu**. 1907b. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/decretos/lamentabili/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

RAYMOND, M. **De Baudelaire ao surrealismo**. Tradução de Fúlvia M. L Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Edusp, 1997.

Pablo Simpson

RODRIGUEZ, A. Du nouveau dans la surprise? Une notion conventionnelle devenue emblématique de l'année 1917. **Littérature**, n.188, p. 28-38, déc. 2017. Modernités 1917.

SISCAR, M. **Poesia e crise**. Campinas: Ed.Unicamp, 2010.

TUNNER, E. La traduction, art second. **Germanica**, n.10, p. 199-206, 1992. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/germanica/2104>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

